

A

Os Compositores

10/01/99

O gênero do concerto para solo e orquestra não podia não solicitar a atenção de Lizst, que nos deixou dois concertos , mais uma espécie de fantasia a “ Dança dos Mortos”, baseada no tema eclesiástico do “Dies Irae”. É escusado dizer que os concertos de Lizst são concertos de alta



B

virtuosidade, que deixam transparecer sempre, porém, mais profundas razões musicais. E, como sempre, a virtuosidade de Lizst é tão coadunada a própria natureza do piano, que a sua execução se torna perfeitamente agível pôr um bom instrumentista. O piano, como é óbvio, domina soberanamente, mas a orquestra o enriquece de preciosas conotações tímbricas, introduzido até,



pela primeira vez num concerto solista o triângulo ao lado de outros instrumentos de percussão: e na verdade há um momento em que o triângulo é quase um segundo solista. Estamos falando do Concerto número um em mi bemol estruturado numa arquitetura muito original, que inclui a forma e o espírito do scherzo. Solene e vigorosa é a introdução, a qual alterna os acentos da orquestra as

D

virtuosísticas oitavas do pianista, sendo que o diálogo entre piano e orquestra continua cerrado ao longo de toda a estrutura da forma sonata, enquanto o contraste das duas idéias alterna oportunamente drama e elegia. Como sempre em Lizst os temas são passíveis de grandes transformações, como de um mesmo objeto observado pôr diferentes ângulos visuais. Generosa e ampla é a cantabilidade do

12

andamento expressivo, brilhantes com elegante exibicionismo instrumental os andamentos finais. Note-se que os vários andamentos são diretamente interligados, sem solução de continuidade, o que contribui para dar a esse concerto um caráter quase de fantasia.

Vamos ouvir portanto o Concerto número um para piano e orquestra em mi bemol maior de Lizst com o

pianista Van Cliborne ^F

e a orquestra de Filadélfia

sob a regência de
Eugene Ormandy

Música

Concerto p/ piano e
orquestra em Mi Bemol

Maior

Disco : 01

Faixas: 1 - 2 - 3

Duração :

O exemplo lizstiano não
é ausente na obra de Piotr
Ilitch Tchaikowsky; só que

G

os temas de Tchaikowsky são sempre de cantabilidade quase vocal não oferecendo aquele jogo de facetas múltiplas que oferecem os temas de Lizst, e que tornam portanto um pouco mecânicos os seus desenvolvimentos.

Tchaikowsky escreveu para piano e orquestra sendo aliás o seu primeiro concerto largamente popular. Mas creio eu ser musicalmente mais rico o concerto para

violino , apesar da sua atormentada história. De fato Tchaikowsky esboçou e redigiu o seu concerto de violino no ano de 1878, estando ele na Suíça na companhia de um famoso violinista russo Joseph Kotek; e deu notícia disto à sua protetora e financiadora a baronesa Nadeshda von Meck. Era ela uma nobre senhora a quem Tchikowsky dedicava um amor ideal mas sem futuro, pois que os dois

I

nunca se encontraram. É um maravilhoso exemplo de amor idealizado, comparável ao amor de Michelangelo e Vitória Colona, que também nunca se encontraram. Na carta Tchikowsky mostra-se entusiasmado pelo resultado do primeiro e do último andamento, declarando porém não estar satisfeito com o andante central que de fato substituiu logo após com outro andamento e disto também deu notícia à von

J

Meck. Tchaikowsky contava evidentemente com Kotek para a execução do concerto, mas Kotek que havia participado ativamente da redação dos solos violinísticos na última hora recusou-se a tocar.

Tchaikowsky cancelou então a dedicatória a Kotek , substituindo-a pôr uma dedicatória a Leopold Auer o qual porém achou o concerto péssimo, instrumentalmente inexequível . Desesperado

K

Tchaikowsky recorreu a um violinista francês que também recusou, talvez influenciado pelo próprio Auer. Finalmente o concerto foi interpretado em primeira execução em Viena pelo violinista Adolph Brodsky com a regência de Richter um dos mais aclamados regentes da época. Mas o resultado foi péssimo : péssima a reação do público e péssimas as críticas, inclusive a de Hanslick , um

L

dos papas da crítica européia. Só mais tarde o concerto começou a circular em todas as capitais européias, com grande sucesso. Nessa altura Auer, que tanto o havia criticado começou a executá-lo com tanta bravura, que chegou a ser considerado um especialista. É difícil entender essas mudanças de humores que às vezes afetam obras primas da história : vejam-se os fracassos iniciais do “ Barbeiro” de Rossini e

da “Traviata” de Verdi e mesmo de tantas obras a nós contemporâneas cujo fracasso , todavia , era mais devido a novidade da linguagem , do que aos humores do público.

O concerto de Tchaikowsky em Re Menor opus 35 é dividido nos três andamentos tradicionais , generoso e sensual o primeiro, elegíaco o segundo, brilhante e impulsivo o terceiro. O violinismo é

M

N

exuberante mas muito bem redigido o que não explica as críticas iniciais de Auer.

Vamos ouvir então o “Concerto em Re Menor opus 35 para violino e orquestra” de Tchaikowsky com o violinista Ivry Gitlis e a Orquestra Sinfônica Pró-Música de Viena sob a regência de Hans Swarowsky

Música

Concerto para violino e
orquestra opus 35

Disco : 02 Lado : B

Faixas : todas (29:30”)

Completamos a parte
instrumental da nossa
conversa de hoje com a
“Dança dos Mortos”(Toten
Danze) de Lizst . A obra tem
caráter de fantasia e estrutura
de tema com variações em
torno como já dissemos do
tema eclesíástico do Dies Irae

P

. Coloco-a pôr ser uma obra
lizstiana menos divulgada
mas musicalmente e
formalmente rica em
interesse . Toca o pianista
com a orquestra